

RESENHA: João do Rio **Antologia de Contos**. São Paulo: Companhia Editora Nacional e Lazuli Editora, 2010.

João do Rio, nascido João Paulo Alberto Coelho Barreto em 1881 e falecido em 1921, é um dos casos mais importantes da literatura e do jornalismo nacional. Sua vida e obra situam-se no Rio de Janeiro, capital do país no início do século vinte, que passava por uma modernização que altera a vida da cidade e seus habitantes. João do Rio é o principal cronista deste período da Belle Époque e sua obra nos apresenta às contradições desta modernidade nos trópicos. Sua vida boêmia e atribulada o colocam como um dândi e um flaneur no Rio de Janeiro. Em sua trajetória, marcada por escândalos e polêmicas, conquistou uma vaga na Academia Brasileira de Letras e uma carreira de destaque no mundo das letras.

Inspirado no decadentismo de um Oscar Wilde, sua obra é uma renovação em nossa literatura ao transformar o conto realista com toques de modernidade. Seus contos situam-se no período do Pré-modernismo em que as conquistas da literatura européia moderna chegam ao Brasil nas obras de Lima Barreto, Euclides da Cunha e do próprio João do Rio. Dotado de uma imensa capacidade de descrever o momento que vivia, com suas transformações e senões, João do Rio durante muito tempo foi um autor difícil de ser encontrado em nossas livrarias.

Sua obra é composta de contos, coletâneas de artigos jornalísticos, ensaios e traduções e deve ser lida não só pelo público de literatura, mas também historiadores, jornalistas, sociólogos e todos aqueles que se interessam pelo processo de modernização do Brasil no início do século XX. Capaz de suscitar múltiplas interpretações é daqueles textos que sempre nos revelam algo mais a cada leitura. Os contos de João do Rio têm algumas características que sobressaem num primeiro olhar. O ambiente inspirado no decadentismo em que narradores e personagens embarcam nas ambigüidades da vida mundana e seus excessos. A presença do bizarro, do estranho, do que foge ao cotidiano e que jogam estes dândis brasileiros, que são seus personagens, na fronteira entre o prazer e o horror. A ausência de sentido de uma vida desregrada e levada ao limite que caracteriza a elite da época. O ambiente noturno que é descrito com seus mistérios e dores. Ou seja, uma visão da modernidade que apresenta suas ambigüidades e novidades.

O lançamento desta *Antologia de contos* vem em boa hora para oferecer ao leitor uma mostra de seu talento literário já que os livros originais continuam difíceis de encontrar. Esta coletânea de contos foi organizada pela professora Orna Messer Levin, doutora em Teoria Literária pela Unicamp e professora na mesma instituição, uma das mais importantes estudiosas da obra de Paulo Barreto. Organizada com uma amostra de contos de todos os seus livros na área, a coletânea inicia com seu primeiro livro de contos de 1910 *Dentro da noite* e encerra com contos de seu livro *Celebridades Desejos* de publicação póstuma. Temos então a oportunidade de acompanhar de maneira retrospectiva toda a carreira do contista carioca.

Em contos como o célebre “Bebê de tartalana rosa”, presente no livro de 1910 *Dentro da noite*, apresenta-se uma visão íntima de um momento histórico. Vemos através da narrativa um retrato do Carnaval brasileiro no início do século passado. As marchinhas e os bailes de rua são mostrados no conto. A atmosfera idílica do conto, narrado pelo protagonista para uma roda de curiosos, revela uma atmosfera ao mesmo tempo romântica, mas também sensual e inquietante daquele momento.

O carnaval das fantasias e dos encontros amorosos passa em frente aos nossos olhos revivido pela narrativa.

É que João do Rio consegue em seus contos unir o elemento fantástico destas narrativas ao cotidiano mais íntimo, como no conto intitulado “Dentro da noite” do livro homônimo em que a intimidade de uma família típica dos subúrbios cariocas nos leva a desvendar as taras e obsessões da sociedade. As relações de namoro e casamento são perturbadas pelo personagem principal e suas taras. Errando pela cidade no bonde elétrico, símbolo da velocidade da modernidade, o personagem narra sua desventura e obsessão. O mundo feérico do bonde elétrico que cruza a cidade nos leva a uma modernidade latente que transforma as relações sócias e literárias.

Somos confrontados com as contradições do sujeito moderno na metrópole conturbada e dinâmica. Ao nos mostrar estas perversidades do homem moderno, João do Rio atenta para as ambigüidades da própria modernidade. A literatura não é apenas ficção, mas a oportunidade de desvelar o que a própria sociedade teima em não mostrar e colocar como sem importância ou patológico. Assim assume função crítica ao posicionar e questionar os limites das determinações canônicas.

João do Rio é um autor que nos mostra este olhar dissonante da literatura que ultrapassa a visão da época. Assim temos acesso a esta visão crítica em que o que era preservado escondido é escancarado e tornado cena principal em suas narrativas. O jornalista e o contista se juntam neste painel crítica de sua época e dos costumes morais do Brasil. Com seu estilo afetado e cheio de termos raros e tirados das gírias do momento, não raro formulados em inglês e francês, o que vemos é um certo olhar para o comportamento de nossas elites. Em uma obra dirigida tanto a especialistas em literatura, história e sociologia quanto ao público em geral, temos a oportunidade de ler um de nossos grandes contistas. Em suma, estamos diante de literatura de primeira. Leitura sempre instigante, estes contos são muito bem-vindos para ampliar o público leitor de tão importante obra.

Resenhista: Professor Doutor Luiz Carlos Menezes dos Reis

Recebido em: 15/09/2010.

Aprovado em: 29/09/2010.